



**ESPM**

2019

# COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E CONSUMO

**5ª Síntese**

Resultados de pesquisa: grupos focais  
com professores do Ensino Básico

Cátedra

**MARIA APARECIDA BACCEGA**

PARCERIA ENTRE PPGCOM ESPM  
E INSTITUTO PALAVRA ABERTA

# GRUPOS FOCAIS COM PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO



O Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo – PPGCOM ESPM, em parceria com o Instituto Palavra Aberta, desenvolve a Cátedra Maria Aparecida Baccega, dedicada às inter-relações entre comunicação e consumo, privilegiando a sua interface com o campo da educação.

Visando refletir sobre educação para a mídia e para o consumo, dentre as atividades da Cátedra em 2019, foram realizados três grupos focais nos meses de agosto e setembro, com a participação de 15 professores do Ensino Básico – que atuam em escolas particulares, sediadas na cidade de São Paulo, independente da disciplina que lecionam.

Equipe responsável: Profa. Dra. Tânia Hoff, Profa. Dra. Egle Spinelli e Doutoranda Sabrina Generali.

A condução dos três mencionados grupos focais foi alicerçada em seis perguntas, a saber:

- 1 Como se dá o consumo de mídia pelos professores?
- 2 Como trabalham/produzem mídia na sala de aula?
- 3 Há consciência crítica do uso da mídia pelos alunos?
- 4 Como os professores concebem consumo?
- 5 Existem projetos de educação para os meios (e para o consumo) nas escolas?
- 6 O que demandam de um curso de educação para os meios (e para o consumo)?

No que se refere à análise do material coletado, serão apresentadas seis sínteses, a partir das questões propostas para a conversa desenvolvida nos três mencionados encontros de grupo focal. Este texto, denominado **“Quinta Síntese de Resultado de Pesquisa – grupo focal com professores do Ensino Básico”**, apresenta os resultados preliminares relacionados à questão 5: Existem projetos de educação para os meios (e para o consumo) nas escolas?

# EXISTEM PROJETOS DE EDUCAÇÃO PARA OS MEIOS (E PARA O CONSUMO) NAS ESCOLAS?

Emerge com intensidade na fala dos participantes da pesquisa que não há projetos institucionais sobre educação para os meios, mas há ações esporádicas, que dependem majoritariamente da iniciativa individual dos professores. Apenas um educador participante dos grupos focais mencionou haver na instituição em que atua um projeto institucional voltado ao uso de mídias e redes sociais, realizado pela disciplina de Informática.

Os participantes da pesquisa relatam que mídias digitais e redes sociais são usadas nas seguintes situações:

- Como recursos complementares aos materiais didáticos nas aulas;
- Para promover aulas invertidas;
- Para “tornar as aulas mais divertidas”;
- Para estimular a mobilização da comunidade escolar em atividades e gincanas, por meio do engajamento em plataformas digitais.

“Os alunos pedem muito, mas precisamos entender como fazer o design desse processo de aprendizagem e como as mídias irão se encaixar [nos conteúdos didáticos]”, afirmou

um dos professores. Para ele, este é um processo complexo. Outra professora comentou que a mobilização via redes sociais costuma ser grande em sua escola, mas “eles [os alunos] não sabem porque estão fazendo tudo isso, vão fazendo e não se dão conta”.

Os projetos escolares que envolvem recursos digitais constituem uma das poucas fontes – talvez a única – de educação midiática, a qual muitas vezes está relacionada à produção e ao consumo de produtos audiovisuais, um recurso com o qual as crianças e os jovens são bastante familiarizados na atualidade. Segundo um dos professores, como o consumo e a produção de vídeos estão muito presentes nas escolas e na vida cotidiana, torna-se necessário saber produzir e editar textos audiovisuais, assim como foi e é necessário ensinar e aprender a ler e a

escrever textos verbais.

Vale destacar ainda questões como o cuidado sobre uso de imagem de terceiros, *ciberbullying*, a repercussão das ações *on-line*/virtuais e possíveis punições que podem ser sofridas pelo mau uso das mídias digitais. Segundo alguns educadores que participaram dos grupos focais, são temas recorrentes nas escolas, mas poucas fazem ações preventivas efetivas e contínuas. Apesar de muitas questões ocorrerem fora do horário e do “território” escolar, alguns coordenadores e ex-coordenadores pedagógicos que participaram dos grupos relataram que as famílias buscam as escolas para pedir apoio na condução de situações problemáticas que envolvem o uso de mídia digital.

Observou-se, assim, que apesar de amplamente usadas

nas escolas, as mídias/redes sociais não são incorporadas como parte de uma pedagogia “do sistema educativo”[1] acerca de seu consumo consciente e estratégico, de um olhar crítico para seus conteúdos e impactos na sociedade ou mesmo na dimensão sociocultural. Os participantes da pesquisa relatam que as mídias/redes sociais não são pensadas dentro de um processo e de uma prática transformadora e promotora de cidadania. Majoritariamente, servem como recurso de apoio ou como uma estratégia de engajamento.

Retoma-se, então, a questão da formação de professores já levantada na quarta síntese (*Como os professores*

*concebem consumo?*). Porém, aqui, foi sinalizada para além de capacitações pedagógicas: emerge com intensidade na fala dos participantes da pesquisa a necessidade de se atualizarem constantemente para acompanhar os interesses de seus alunos, acerca das mídias e dos conteúdos pelos quais eles mais se interessam, e também para garantir que acompanham as demandas colocadas pelas próprias escolas aos seus educadores, relacionadas principalmente a recursos e plataformas para uso em sala de aula.



---

[1] WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: apuestas (des)de el in-surgir, re-existir y re-vivir. 2009. P. 13. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13582/13582.PDFXXvmi=di9ixOJob3xjBuscxZPZhgoEspIxlhlzBvSzkDZvGWP>. Acesso em: 22 jul. 2019.